

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2023

—

VERSION ET COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale voie générale et toutes séries technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Ne joindre aucun brouillon
- Ne pas composer dans la marge
- Numéroter chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Matière : PORT

Session : 2023

TEXTE

O cavalo imaginário

Nós todos freqüentávamos o mesmo colégio, naquela pequena cidade do interior. Um colégio privado, e muito caro, o que, para nossos pais, não chegava a ser problema: éramos, meus amigos e eu, filhos de fazendeiros. Nossos pais tinham grandes propriedades. E tinham muito dinheiro. Nada nos faltava. Andávamos sempre muito bem-vestidos, comprávamos o que fosse necessário para o colégio e gastávamos bastante no bar da escola.

Aos domingos nos reuníamos para andar a cavalo. Cavalos não faltavam nas fazendas de nossos pais, animais de puro-sangue e bela estampa. Cada um de nós tinha a sua própria montaria, e não estou falando de pôneis, aqueles cavalos mansos; não, estou falando de cavalos de verdade, cavalos que corriam muito e saltavam obstáculos. Estou falando de equitação, aquele nobre esporte. Nossos pais faziam questão que fôssemos excelentes ginetes. Tínhamos até um professor, que nos treinava na arte de cavalgar.

[...] Havia um que não tinha cavalo. O Francisco. O Francisco não era filho de fazendeiro. O pai dele tinha uma profissão humilde, era sapateiro. Na verdade, o Francisco só estava em nossa escola porque havia recebido uma bolsa de estudos – era um garoto muito inteligente e muito dedicado. Mas o que fazia em nosso grupo? [...]

Diferente dos outros garotos da escola – a maioria dos quais nos detestava –, ele tinha por nós uma admiração que beirava a reverência. Sempre que podia estava por perto. Mais do que isso, oferecia-se para prestar pequenos serviços. Se um de nós queria um refrigerante, o Francisco ia buscar. Se um de nós deixava de apresentar o trabalho solicitado pelo professor, Francisco se encarregava de fazê-lo. Por isso, e só por isso, permitíamos que andasse conosco. Durante a semana, bem entendido; porque no domingo as coisas mudavam. No domingo ele voltava para o seu lugar. Domingo era o dia de cavalgar, e, do alto de nossas selas, nós contemplávamos, altaneiros, o mundo a nosso redor. Como eu disse, Francisco não tinha cavalo. Isso não impedia que cedo já estivesse no clube hípico, esperando por nós. Ficava a olhar-nos, enquanto galopávamos de um lado para o outro. E nós gostávamos de tê-lo como platéia, porque nos aplaudia entusiasmadamente. Mais do que isso, procurava imitar-nos: galopava de um lado para o outro, como se estivesse montando um cavalo imaginário. Nós na pista, cavalgando – ele, ao lado da pista, trotando de um lado para outro e gritando como nós gritávamos, aqueles brados que os cavaleiros soltam quando se entregam ao esporte das rédeas.

De um modo geral, achávamos engraçado aquilo. Não Rodrigo. Era um cara desagradável, aquele Rodrigo. Mesmo nós, que éramos amigos dele, tínhamos de reconhecer: um garoto intratável, agressivo com os colegas e até com os professores. A má fama que o nosso grupo tinha devia-se sobretudo a ele. Mas a verdade é que tínhamos de aceitá-lo: seu pai não apenas era o maior fazendeiro da região, como também ocupava o cargo de prefeito da cidade. Rodrigo era seu filho caçula – e o mais mimado. Um garoto estragado, como dizia meu pai.

Rodrigo não gostou nada daquela história. E nos disse:

– Não quero mais saber desse tal de Francisco nos imitando.

Procuramos convencê-lo de que se tratava apenas de uma brincadeira. Inútil: Rodrigo estava furioso mesmo.

– Vou resolver essa coisa à minha maneira – garantiu.

Foi o que fez. Num domingo, enquanto Francisco cavalgava seu cavalo imaginário, Rodrigo se aproximou dele. Apeou e comandou:

– Desca de seu cavalo.

Francisco obedeceu: desceu do fictício cavalo.

– Nós vamos fazer uma aposta – disse Rodrigo. – Se eu perder, entrego-lhe o meu cavalo. Se você perder, entrega-me o seu.

– Que aposta é? – indagou Francisco, numa voz trêmula.

– Uma corrida – disse Rodrigo. Apontou umas árvores, a uns duzentos metros de distância:

– Até ali, e voltamos. Quem chegar aqui primeiro, ganha.

Lembro-me de que o sangue me subiu à cabeça.

– Olhe aqui, Rodrigo – comecei a dizer, – você não pode.

Francisco me interrompeu:

– Eu aceito a aposta – disse, com voz firme ainda que meio embargada. – Quero correr.

55 Foi uma coisa patética de se ver. Os dois se colocaram lado a lado e, a um sinal, começou aquela coisa maluca. Rodrigo simplesmente trotava em seu magnífico cavalo, Francisco corria atrás sem conseguir alcançá-lo. Rodrigo foi até às árvores, voltou. Minutos depois chegou Francisco, ofegante. Rodrigo mirou-o com arrogância:
– Parece que eu ganhei, não é mesmo?
Francisco, ainda ofegante, permanecia calado.
60 – Seu cavalo agora é meu – continuou Rodrigo. – E sabe o que vou fazer com ele? Vou soltá-lo no campo. Ele agora está livre, você não pode mais montar, entendeu?
Francisco, quieto. Rodrigo apanhou as rédeas imaginárias e foi até o portão do clube. Ali, espantou o suposto cavalo aos gritos. Feito isso, montou em seu próprio cavalo e foi embora.
Francisco nunca mais foi ao clube. Aliás, ele nem ficou na cidade. Segundo o pai, tinha ido
65 morar com os avós num lugar bem distante.
Nunca mais o vi. Não sei o que foi feito dele. [...] Mas tenho certeza de que sei com o que sonha: com um belo cavalo, no qual, montado, galopa à vontade por um imenso campo que não tem limites.

SCLIAR Moacyr. *Boa Companhia: contos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Apresente os elementos socio-econômicos que caracterizam Francisco e os restantes colegas.
2. Analise ao longo do texto o comportamento de Francisco.
3. Estude e comente a personalidade de Rodrigo e a estratégia dele para afastar Francisco.
4. Analise o ponto de vista do narrador-personagem sobre Francisco e Rodrigo.

II. ESSAI

A seu ver, será que hoje em dia, as diferenças sociais ainda podem constituir um obstáculo nas relações entre as pessoas? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passes para o francês o trecho de “*Diferente dos outros garotos da escola*” (linha 16) até “...quando se entregam ao esporte das rédeas.” (linha 29).

